Entrevista Fernando* – Parte 2

P = Pesquisador

E = Entrevistado

*pseudônimo

P - Na primeira entrevista a gente tratou mais da questão de você narrar as tecnologias da época em que você trabalhava na CIOSP. E hoje eu queria tratar um pouco mais aprofundadamente da questão de como se dava a execução de táticas e estratégias policiais principalmente relacionadas a grandes aglomerações, grandes eventos, protestos, tumultos, enfim. Então primeiro queria que você falasse um pouco qual a sua experiência na relação com eventos de protesto, movimentos sociais... que tipo de atuação você já teve nessa área.

E - Quando jovem oficial eu trabalhei no Pelotão de Choque, que eram as unidades... uma fração destinada a lidar com isso. Mas isso faz muito tempo. Depois como capitão eu trabalhei no BOE na mesma função. Com um efetivo maior. Em torno de 100 pessoas. No primeiro período foi em torno de 2 anos; o segundo, um ano; e o último episódio, que foi pontual, mas foi muito intenso, que era quase todo dia, foi na Copa do Mundo. Quando eu fui designada para comandar o BEPE, que foi uma fração criada para lidar com possíveis manifestações, que eram prováveis tendo em vista as de 2013 e o movimento anti-Copa, vamos chamar assim, de uma parcela da sociedade. Então foi constituída uma unidade, que foi composta meses antes, em torno de três meses antes, para... o pessoal já tem um protocolo de técnicas que é válido para todo o estado. Mas sempre foram acostumados a trabalhar assim... grupos de no máximo 30 ao mesmo tempo. Nesse grupo nós íamos trabalhar no mínimo, por dia, com 600. E o efetivo todo tinha quase 1500. Então é bom tu... nesse tipo de emprego, é bom tu treinar, trabalhar junto para que não... para que duas pessoas não façam a mesma coisa e eventualmente o que precisa ser feito não seja feito... enfim, para aprimorar a técnica. Então isso foi para a Copa de 2014, julho de 2014.

P - Beleza, então você trabalhou como mais jovem e depois como capitão do BOE e depois na Copa.

E - Sim. Daí já como comandante do BEPE. Que é uma fração... aí era muito maior.

P - Daí acho que você pode falar um pouco dessas três experiências ou então se focar um pouco mais em algumas... a da Copa, que eu acho que foi mais intenso. Mas aí eu queria que você falasse disso... descrever um pouco como eram essas estratégias. Como se dava tanto... primeiro o planejamento para o evento...

E - Para esse evento específico Copa do Mundo, foram constituídas duas grandes frações, dois grandes batalhões a gente chama. Em torno de 1200, 1300 cada um, oriundos de todo o estado. Um era encarregado do policiamento... de atender as ocorrências... o policiamento de rotina... o policiamento de presença que a gente chama, o policiamento de proximidade... ou seja, aquele que as pessoas... iria trabalhar no ambiente do jogo, nas escoltas, no policiamento em geral. Esse era o chamado Batalhão Copa. Era outro oficial que comandava. E o outro batalhão, que era o meu, era o BEPE, era o que ia lidar única e exclusivamente com as prováveis manifestações, se elas acontecessem. Porque tinha uma certa parcela que tinha intenção de demonstrar que não estava

contente com a Copa. Ok. Então, nós sinceramente nos preparamos para o pior e felizmente o máximo que a gente teve que fazer foi lidar com torcidas violentas, que foi basicamente uma torcida, a torcida da Argentina no dia do jogo contra a Nigéria se não me engano. Nós lidamos com algumas passeatas no começo do evento em que os manifestantes se reuniam... tu notava claramente que era um movimento contra... e a gente procurou estabelecer um contato para dizer assim... "as regras que a gente tem do governo do Estado são essas". A manifestação é livre, entendeu? Contra a favor, está bom. O que não seria permitido seria, por exemplo, qualquer tipo de... qualquer pessoa que provocasse algum ato de depredação nós procuraríamos detê-la só essa pessoa, entende? E não era a intenção clara... eu pude perceber isso... não era a intenção clara daquele grupo que estava ali promover esse tipo de coisa. Isso ficou claro. Mas a vida é cheia de gente que se aproveita dessas coisas. Então até... a gente procurou estabelecer uma conversa. Inicialmente ela não foi... foi meio... não vou dizer inamistosa, mas ela foi seca, foi dura. Porque o pessoal tinha uma imagem diferente. Eu disse "olha, nós estamos aqui para impedir o mal maior, para impedir que haja algum tipo de conflito, algum tipo de depredação, que essas coisas inclusive depõem contra o que vocês estão...". Porque as pessoas simplificam o pensamento. O fato de eu ser contra a Copa não quer dizer que eu vá quebrar tudo. Mas a gente pensa assim. Eu e tu. A maioria não pensa assim. O cara enxerga uma manifestação contra a Copa, e alguém quebra uma vidraça, para ele é a mesma coisa. Então a gente procurou... no começo foi difícil, porque enfim... mas depois deu tudo certo. Nós não tivemos problema com o pessoal. Também uma regra outra era que o chamado Caminho do Gol, que é esse... foi designado Caminho do Gol... era a Borges de Medeiros lá do Glênio Peres até o estádio, que estava intensamente policiado. As manifestações ali deviam ser evitadas. Nós deixamos isso claro. Não aconteceu nenhum confronto do tipo "nós vamos tentar entrar à força", porque não aconteceu. Até porque, sinceramente, o número de pessoas que se manifestaram foi bem menos do que a gente imaginava. Eu acho que o dia que tinha mais manifestantes assim contra isso, que eu me lembro, eram 100 pessoas. Que o pessoal saiu numa caminhada, daí foram lá na Cidade Baixa, depois entraram na Lima e Silva e depois voltaram. Foi isso que eu me lembro assim. Então, sendo mais simples, a gente procurou deixar claro quais eram as regras que tinham nos dado para trabalhar. E que qualquer tipo de confronto não é benefício para ninguém. Eu entendo, a gente entende a contrariedade. Está bom. Mas tentamos trabalhar certos limites. Acho que deu certo. Penso que deu certo, porque nós não tivemos problema nenhum com manifestante. Teve um dia em que, no curso dessa possibilidade de confronto, uma das coisas que a gente conversou foi evitar ao máximo o confronto físico, pessoal. Por que? Porque isso não termina bem. Não termina bem, porque se tu... um exemplo... conversando numa reunião com o pessoal... se tu resolve, ante um tumulto, bloquear uma rua por exemplo... "olha aqui tu não pode passar"... Então tu coloca as pessoas... está bom, está claro para quem vê que não é para passar por ali. Só que se tu deixa a manifestação chegar em cima de ti... tu é o policial, está com o escudo, bastão, granada, seja lá o que for... se o cara chegar em cima de ti, tem tudo para dar errado. Porque ele não vai se afastar de livre e espontânea vontade. Vamos combinar, né? Se o cara chegou até ali, não vai se afastar. Ou tu vai ter que empurrar o cara de volta numa formação... só que isso funciona em lugar pequeno. Se o lugar for muito grande tu não consegue fazer isso, porque tu empurra, e a pessoa se dispersa. E dali a pouco está do teu lado, está atrás... e aí tu perde o controle. Então tem que usar muita gente se o lugar for muito grande. E isso é um desperdício claro. Então a gente estabeleceu o seguinte: "quem sabe a gente faz assim? Vamos dar um sinal visual..." Está claro que se tu bloquear uma rua com uma linha de policiais não é para passar... é óbvio. Aí eu perguntei para

o pessoal “escuta, e aí, o que vocês fazem? Se o pessoal... forçar a passagem”. “Não, se o pessoal bater...” bater era o discurso... “bater no escudo, a gente empurra, joga granada”. Eu digo “não, vamos fazer o seguinte: vamos raciocinar comigo... se o cara bater... a última vez que eu tinha servido nisso fazia 10 anos. Se eu deixar alguém se aproximar de mim para brigar comigo, vai sair briga, porque ele vai estar perto, porque eu vou ter que afastá-lo ou prendê-lo. E aí... enfim...” Eu digo: “quem sabe a gente faz o seguinte? Além da linha de policiais, que é óbvio, todo mundo vê que não pode passar, por que a gente não estende uma fita... essas fitas de isolamento... de fronte à tropa? Uns 25, 30 metros. Essa é a linha que não deve ser rompida. Se ela for rompida...” Mas eu não quero que ninguém pare numa linha de plástico, é uma fita que se tu fizer assim com a mão ela desmancha. Ela é simbólica... e outra... se alguém romper essa linha, tu tem tempo de jogar uma granada dessa de efeito moral, que é o que mais se usa para disperar, num lugar que não tem ninguém. Ou seja, se o sujeito está lá a 30 metros, tu joga no meio... ela não vai... se eu e tu estivermos aqui... eu com escudo... e eu jogar a granada na tua perna, é ferimento. Mesmo que eu não queria. Ela não é para isso, mas ela é um negócio de plástico, que quando explode ela tem fragmentos que até 2, 3 metros se pegar corta. Porque não tem como evitar isso. Eu digo “não... vamos fazer o seguinte: nós vamos evitar de jogar esse negócio nas pernas dos outros, porque isso aí vai... porque isso pode até voltar. Se o cara pegar e chutar de volta, se tu fizer assim... vai estourar na tua perna”. Eu tenho um colega que teve um problema sério com isso lá no passado, porque o cara jogou, o manifestante jogou de volta, porque ela tem um tempo, ela não é instantânea. Continuou de volta, ela estourou debaixo da perna dele. O cara se feriu muito seriamente. Ela foi muito perto, foi em cima dele. E naquele tempo a tecnologia da granada de efeito moral ela estava começando. Então o negócio era muito forte, entende? Não é hoje. Hoje, se tu jogar um negócio desse aqui dentro, aqui, olha... não vai nem estragar a tinta da parede. Mas no passado era um corpo rígido de... tipo um... um corpo rígido de plástico, bem rígido. Aquilo, quando explode... cara fragmento vira um mini projétil. As de hoje é um saquinho de borracha, que estourou... é só ruído. Então é basicamente assim... nós tivemos problema só um dia, na Praça Argentina, que a gente colocou a linha, os caras vieram, os caras jogaram... só que aí a gente teve um problema não só com os manifestantes. Alguns... um ou dois fotógrafos feridos, porque eles quiserem... pra pegar o melhor ângulo... aí ficou naquela zona entre os manifestantes e onde nós estávamos. E aí bom... a gente tratou e tal. Não foi nada muito grave. Fez uma reunião de avaliação depois. Mas assim, tirando esse incidente, não tive mais. Depois com a torcida da Argentina, que foi um negócio... mas aí a gente resolveu com base na... nós retiramos a torcida. Nós usamos os cavalos... não precisou nem haver confronto. O cavalo ajuda muito nisso, porque todo mundo tem medo. Eu não tenho medo de cavalo, mas assim... se tem uma linha de cavalo, eu não vou ficar ali. Não vai passar por cima, mas assim, cara, tu não vai ficar ali. O bicho, no mínimo, ele vai bater em ti. O cavalo... o instinto normal do cavalo... eu não sabia disso... o cavalo não pisa numa pessoa. Se tu ficar no caminho do cavalo ele desvia, ele não pisa, porque ele tem medo de torcer a pata. Os nossos cavalos eles são altamente... além disso eles são altamente adestrados desde que nascem para o convívio humano, para não provocar ferimentos nas pessoas espontaneamente. Mas ninguém fica para conferir, porque é isso... não fica ali. O objetivo é empurrar, é isso.

P - Eu queria tratar um pouco mais dessa questão que você falou das reuniões que eram feitas antes. Eles foram feitas assim com qual antecedência e com quais grupos? Como é que se dava essa negociação?

E - Reuniões internas ou com os manifestantes?

P - Com os manifestantes.

E - Era no dia do evento. A gente tentou estabelecer uma negociação assim... vamos chamar do tipo "olha, amanhã vocês vão se manifestar? Qual é o itinerário que vocês pretendem seguir? Porque nós vamos seguir". Mas não houve sucesso, entende? Não aconteceram.

P - Porque não tinha muita abertura deles para...

E - O pessoal "não, nós não temos nada o que conversar". Está bem. Então a gente tratava no dia. No fim, lá pelo quarto, quinto dia... disse "olha, nós vamos"... só no primeiro, no segundo dia que o pessoal não informou o itinerário. Depois a gente sabia e disse "nós estamos aqui" e vou te dizer uma coisa agora... falando disso eu me lembrei de uma coisa agora... na Cidade Baixa, se nós não estivéssemos lá acompanhando o pessoal, eu acho que tinha dado um problema. Na Lima e Silva ali, perto do Zaffari, tem um monte de bares ali. Indo na Lima e Silva em direção ao centro... antes do Zaffari. À direita... tem uma linha de bares. Bah cara... houve uma animosidade muito grande das pessoas com os manifestantes. E eu vou te dizer: não houve problema mais sério, porque a gente estava ali. Inclusive eu me lembro um cara... uma pessoa chegou a levantar do lugar onde ela estava sentada para dizer que nós tínhamos que prender todo mundo, que não sei o que... a gente já está acostumado com isso. Faz de conta que não ouviu. Mas eu tenho impressão que se não estivéssemos ali eu acho que os caras tinham enfrentado um problema. Então eu acho que isso ajudou a com o tempo a gente conseguir convencer o pessoal que estávamos ali muito mais para evitar um mal maior do que para brigar, discutir ou eventualmente entrar em confronto com alguém. Normalmente o fim da manifestação era li no Zumbi dos Palmares ali. Os caras dispersavam. Não teve problemas.

P - E...

E - Mas objetivamente as reuniões elas aconteciam no dia do evento.

P - E daí as que começaram três meses antes eram as internas... daí eram com quais instituições... quais instituições da polícia? Por exemplo, tinha a Polícia Civil?

E - Com todos. Assim, tinha todos os tipos de reunião. Primeiro, tinha o Comitê Gestor Superior, que era o comandante geral da brigada, o Fábio, o chefe da Polícia Civil, o Secretário, que era o Michels, o secretário da 3ª região militar, que eu acho até que era o Mourão... acho, não sei... o general Mourão, que hoje é vice-presidente... o superintendente da Polícia Federal, então nessas reuniões íamos... além do comandante ia eu, o Silanus, que era o sub-comandante e o comandante do outro batalhão, o coronel Godoy. Aí a gente tinha as informações gerais, do tipo horários em que as equipes... horário de jogo, horário de treino, horário de escolta... tinha muita escolta para ser feita... muita gente... as próprias delegações... a gente tinha que limpar ruas... limpar a Ipiranga inteira, por exemplo. Então isso exigia muito planejamento. Todos os dias de manhã, às 8hs, 7:30, 8hs, tinha uma reunião lá no Estado Maior, no QG da Brigada, interna, nossa, do comando geral da corporação conosco, com os comandantes de batalhão. E cada batalhão tinha 6 companhias. E cada companhia era um major. Esses oficiais também compareciam para a gente combinar as estratégias do dia. Porque às vezes mudavam, entendeu? A gente imaginava... "virão 300 argentinos". Aí na reunião seguinte tinha confirmação de saída de 2500... já mudou. Então tu tinha que mudar tudo, que tu

estava prevendo trabalhar com X número... tem que aumentar. Então assim... as internas eram diárias, as de avaliação mais gerencial eram semanais, depois de cada jogo tinha um briefing do que deu certo, do que deu errado com imagens... a gente captava imagens das aeronaves ou do próprio Centro de Operações. Então era... elas eram as de avaliação eram depois de cada evento. As de planejamento era todo dia.

P - E você falou que ali na reunião com os manifestantes às vezes tinha a questão do que que tinha sido passado para vocês. Como é que... de onde vinham as formulações mais amplas das estratégias? Ela vinha do comando geral, do governo? Como é que chegava para vocês essa...

E - De um conselho de todos esses antes. Do governo... teve reunião até com o governador. Então a gente deixava o governador a par... "olha, Tarso Genro... é assim..." O ânimo não é o mesmo de 2013, que foi um negócio muito sério... eu não estava aqui nessa época... foi uma época em que eu estava viajando de férias... mas assim... foi um negócio bem sério em junho. Eu sei porque os meus dois filhos estavam na faculdade... as pessoas que trabalhavam comigo me contaram. Bom, nós tivemos que usar tanto agente químico para conter manifestante que terminou nosso estoque. Terminou o estoque da Brigada inteira. Nunca imaginamos isso. Teve um dia... eu trabalhava no comando rodoviário, que não era diretamente ligado, porque foi tudo dentro das cidades e tal alguns bloqueios... mas eu tinha acabado de comprar equipamentos novos desse tipo, porque o nosso estava muito velho. E eu comprei bastante. E eu antes de sair de férias eles não tinham sido entregues ainda. Quando eu voltei, o meu subcomandante disse assim "não, aqueles equipamentos... a notícia boa é que eles foram entregues. Essa era a notícia boa. Ruim é que nós usamos tudo. Porque eu tive que emprestar". Porque nós gastamos de toda a corporação. Tivemos que fazer uma compra-extra. Mas voltando, as reuniões de avaliação, de estratégia eram um conselho. Dependendo da decisão a ser tomada envolvia ou o escalão mais alto ou o nosso escalão interno. Mas sempre todas as estratégias sempre ficou muito clara. Desde o começo por parte do governo do estado. E nosso também. Porque a gente não tem nenhum interesse... nunca teve... de uma imagem vinculada a conflito. Claro que tem gente que acha isso interessante, acha bacana. Lamento dizer, mas está errado. Felizmente é minoria. Porque o nosso pessoal... as pessoas não imaginam o nível de disciplina que a gente tem. Não é só porque está escrito no regulamento. É porque a gente tem um costume de 180 anos com relação à disciplina. Às vezes isso.... isso é bom e é ruim. O próprio governador Tarso, nas manifestações de 2013... eu não assisti isso, o Fábio me contou... que teve um dia que ele saiu lá. Foi o primeiro governador que saiu do gabinete um dia e foi lá falar com o pessoal e dizer "eu não aguentaria o que vocês aguentam". Porque as pessoas passam do limite. Só que... agora estou falando eu... aquele cara que está ali ele é gente que nem eu e tu. Então a gente às vezes não faz o papel simpático, mas bom, enfim, é que as pessoas imaginam que a maioria de nós, os policiais, tem prazer em estar reprimindo os outros. Não, ninguém tem prazer nisso. Todo mundo é pai, todo mundo é filho, todo mundo tem filho, tem mulher. Mas é que às vezes... como é que eu vou te dizer... o imaginário das pessoas é um negócio complicado. O imaginário coletivo com relação à polícia às vezes ele não é muito certo dependendo das pessoas, dependendo dos valores que ela tem... ela acha que a gente é de um jeito. O policial é de carne e osso. Ele não é um robô que cumpre ordens inobstantemente. Se assim fosse a Revolução Francesa não teria acontecido, porque a Revolução Francesa só aconteceu quando as Forças Armadas disseram "só um pouquinho... nós não vamos brigar com essa gente aí que está passando fome". Porque até lá era só discussão no Parlamento. É que nem quando... evidente que a gente

não tem nenhum prazer em prender alguém. Agora, todo mundo é pai, todo mundo é filho... quando tu é chamado para uma audiência por exemplo de um cara que bateu numa mulher, tu pensa em quem? Tu pensa na tua mulher, tu pensa nos teus filhos. Também esse cara merece ser preso não é porque eu não gosto dele. É porque bom... enfim... ele rompeu o contrato que nós combinamos. "Não pode bater em ninguém, não pode bater na mulher, não pode roubar não pode matar. É isso".

P - E daí, passando essa questão mais do planejamento pra execução... a estratégia especificamente para os movimentos sociais era qual? O que o governador falou ou o que foi falado para vocês? O que era a prioridade em relação aos movimentos sociais?

E - Era garantir o direito de manifestação. Dentro daqueles limites que eu te falei. Porque se acontecesse... o próprio governo do estado foi signatário dos acordos para evitar manifestações nesse lugar, no Caminho do Gol. Então o governo não queria que fizesse. É uma posição às vezes difícil, porque se tu disse pra pessoa "olha, tu não pode manifestar ali". Ele vai dizer "não, mas eu tenho direito". "Está bom, mas está combinado que ali não é para fazer".

P - E como se decidiu que ali era o Caminho do Gol? Quem que...

E - Isso foi uma decisão com a prefeitura, a FIFA... na verdade foi uma sugestão da prefeitura na época. Aí levaram pra FIFA lá no comitê da FIFA lá em Brasília. Eles aceitaram. Enfim, e aí foi feita uma reunião... combinação de esforços com o governo do estado para ver se era possível manter isso. Foi difícil, porque tu usa muito mais gente. Porque esse chamado Caminho do Gol, digamos, era um corredor destinado às pessoas... porque tu não podia chegar de carro no estádio. Até onde tu podia chegar de carro era fora da Borges até a Ipiranga. Não tinha estacionamento. Então o caminho para as pessoas virem... ficou combinado para virem a pé com segurança, porque nesses eventos tem oportunista, tem cara que vai querer roubar ingresso, tem cara que vai querer bater carteira. Num lugar que tem um monte de gente. Então ficou convencionado que seria a Borges. Essa decisão foi tomada em conjunto com a FIFA na época e tal que seria isso. Enfim, esse acordo de que pelo menos nesse local não teria interrupção... porque se tu interrompe o caminho tu vai ter que desviar para outro lugar... e não tinha outra alternativa, não tinha plano B. Porque a Beira-Rio era onde entrariam as delegações e as autoridades. E o outro lado, que era a Getúlio e a José de Alencar... para tu policiar isso tu precisa do triplo do efetivo. Se tu tivesse que... digamos que fazer três corredores vamos dizer assim... tu teria que usar muita gente que a gente não teria. Não tem. Então é mais fácil tu cuidar de um lugar só. Então foi isso o que aconteceu.

P - Tá, então a diretriz mais geral era isso de garantir o direito ao protesto.

E - Sim, isso ficou bem claro. Não era para... digamos... se um grupo de pessoas se reunisse para protestar contra a Copa, "está bom, ok".

P - Daí tendo os limites em relação a depredações e tal.

E - "Tudo bem. Não tem problema". Aqui isso aconteceu aqui no centro, aconteceu na Restinga. Aconteceu em vários lugares da cidade. Ok.

P - E você percebeu que tinha uma certa memória de 2013, 2013 meio que impactando essas decisões? Como um processo de... como se fosse um aprendizado de 2013?

E - Sim, nós nos preparamos para o pior. Nós achamos que as manifestações seriam iguais às de 2013. Sinceramente. Porque era o momento para essas coisas acontecerem. Se em junho de 2013 o motivo foi... na verdade começou com o negócio do combustível, depois juntou toda a insatisfação e deu no que deu. A Copa do Mundo e todo o cenário que cercou a Copa do Mundo, que foram os gastos com estádio, que eram questionados por parte da população e são até hoje, era um momento propício para se manifestar e aparecer. Seria esse. Ok, então nós... sinceramente nós imaginamos que ia ser muito pior. Por isso que a gente usou... o recurso que isso consumiu... muita gente. Teve muita reclamação do interior. Porque o pessoal do interior nós praticamente... por exemplo, as frações de... essas frações especiais nós tiramos de todo o estado. Todo mundo ficou sem. Passo Fundo... digamos assim... tem um batalhão em Passo Fundo... ficou ninguém. Em Santa Maria não ficou ninguém. Porto Alegre foi usado tudo. E cada cidade, cada grande cidade do estado tem uma fração desse tipo. Não ficou nenhuma. Todas vieram a Porto Alegre. Foram em torno de 1300. Então a gente imaginou... porque em junho de 2013 a gente passou muito trabalho, porque a gente tinha só o pessoal de Porto Alegre para cuidar. Porque Passo Fundo tinha os seus problemas lá em Passo Fundo, Santa Maria tinha Santa Maria. Tudo o que é lugar tinha alguma problema. Elas ocorreram em vários lugares. Então a gente contou só com o pessoal de Porto Alegre. Usamos todo mundo que tinha. Inclusive a parte administrativa. E aí o pessoal, contanto com... já que o evento seria em Porto Alegre e nos outros lugares não teria Copa, o jogos seriam aqui, nós imaginamos que tudo aconteceria aqui. Nos prevenimos pro pior. Mas no final acabou dando tudo certo. A gente acabou usando parte do efetivo da minha unidade por exemplo... foram usados para policiar uma coisa que foi inesperada para nós... foi o movimento na Cidade Baixa depois dos jogos. E à noite mesmo. Mesmo que não fosse jogo. O movimento sobrepujou a capacidade do batalhão Copa esse que cuidava só do policiamento. Eu tive que ajudá-los com gente nossa. Porque o nosso pessoal faz policiamento e faz isso também. Então a gente trabalhou na Cidade Baixa. E olha, tinha muita gente. Acho que tinha... até acabou dando certo. Não houve desperdício, nem gente ficou subutilizada. Porque a gente estimou o pior. Felizmente não foi o caso.

P - Queria que você falasse um pouco de como você lidava principalmente nesses temas que são mais polêmicos, como movimentos sociais, a relação com a mídia. Você falou que teve um dia em que os fotógrafos foram atingidos. Se tinha uma preocupação, por exemplo, de como vai ser passada da instituição em relação à mídia.

E - A gente tinha assim... nós chegamos a fazer reuniões com representantes... essas reuniões aconteceram especificamente com a minha unidade. Porque o meu comandante, o tenente-coronel Bortoluzzi, e eu também... a gente... porque ele era na época o Comandante do BOE de Porto Alegre, então ele passou por junho de 2013. Ele, por... desde jovem oficial, ele conhece muita gente da imprensa. E eu igualmente. Então a gente teve a seguinte ideia: quem sabe a gente pede uma reunião com o pessoal da imprensa, diz o que a gente quer... a gente sabe que vai ter imprensa organizada, vai ter freelancer, tinha imprensa de todo o país. A gente fez reunião com o pessoal daqui. Depois, no primeiro dia, quando a gente soube quem era a imprensa que cobria lá, a gente conversou com alguns repórteres durante o jogo, nos intervalos dos jogos. Procurava esclarecer: “olha, o direito de manifestação está garantido”. Aquilo que a gente já conversou aqui agora. “A única coisa que se busca impedir é a interrupção desse trajeto, obviamente qualquer ato de depredação”. Mas assim, no espírito... até pela memória de 2013 como tu disseste, “a gente está preparado para o pior, mas a gente não quer que o pior aconteça”. Explicamos essa estratégia da

corda. Tanto que no dia o cara que acabou ferido, se não me engano, foi um fotógrafo do jornal do Brasil. Que não era daqui, ele não sabia e aí entrou. Eu acho que acabou... ele cortou um pedaço da perna. Aí ele acabou sendo tratado pelo nosso médico lá... que fez o corte. Então a gente procurava... o Bortoluzzi tinha... ele formou um grupo de Whatsapp... ele pegou o telefone de todos os repórteres e ele explicava... "hoje...", enfim, usamos até esse recurso do Whastapp com a imprensa para explicar "hoje tem jogo tal, tem previsão de manifestação em tal lugar, o objetivo é esse", e é isso aí. Eles cobriam... não tinham problema de cobertura. Explicamos o porquê daquela fita. Realmente não tinha problema.

P - Também queria perguntar... você já falou um pouco dessa relação com o governo. Se tem algo para acrescentar. Como é que se dava essa relação com o governo Tarso, enfim.

E - O governo era normalmente representado pelo Secretário de Segurança Pública, o Ayrton Michels. Que ele tinha bem presentes quais eram as orientações. E as reuniões elas ocorreram... foi muito tranquilo o processo todo. Porque o governo, na pessoa tanto do secretário Michels quanto do governador, deixaram bem claro... e isso ficou bem claro... e nós concordamos plenamente... em garantir... nós não vamos impedir ninguém que manifeste o que pensa. E estabelecer o limite... "olha, pode tudo. Só não pode isso". Ponto. Isso ficou bem claro pessoalmente pelo próprio governador, pelo Secretário Ayrton Michels. Porque um conflito de qualquer natureza... e isso valia para conflito com manifestante, valia para por exemplo... para policiar ali aquela Fan Fest que tinha. Qualquer tumulto, qualquer problema que dá isso não pega bem pra imagem da cidade, pra imagem do governo, pra imagem da polícia. Então a gente procurava evitar esse tipo de coisas justamente porque isso é um evento mundial. É a imagem da tua cidade, é a imagem do teu país, é a imagem da tua corporação. Então a gente procurava vender... passar a melhor imagem possível da forma mais natural possível. Não precisava forçar. Até porque a gente não tem muito, não tem muito histórico assim de manter uma imagem ruim. Sempre procurou manter uma imagem adequada. Claro que eventualmente não e contenta todo mundo e eventualmente as pessoas erram. Num grupo de pessoas sempre vão ter as pessoas que fazem o que quer. Ou pensam que fazem o que quer. Mas enfim, felizmente isso não aconteceu. Pelo menos conosco, pelo menos comigo.

P - Você chegou a falar um pouquinho da relação, principalmente ali na Cidade Baixa, com a população de forma geral, com as pessoas que podiam demandar uma intervenção mais forte. Tinha muito disso?

E - Não. Foi tranquilo. A gente teve que intervir, para falar bem a verdade... não chegamos a intervir para dispersar ninguém... mas a gente teve que colocar mais gente... eu tinha alguns policiais que... nós fomos preparados em três línguas para a Copa do Mundo... medianamente preparados: espanhol, inglês e no comando onde eu trabalhava eu fiz questão... porque nós íamos trabalhar em três escoltas envolvendo equipes que falavam francês, que era a Nigéria, a própria França e está faltando um país. Daqui pouco eu me lembro. Acho que foi Marrocos. Enfim, acho que foi. Esses países. E aí a gente procurava procurar os oficiais que tinham facilidade de comunicação... teve três equipes aqui que falavam francês. Como o pessoal ia trabalhar com eles... claro que o inglês... mas eu, até por força da formação pessoal, falar na língua do cara a gente sabe que o cara se sente mais confortável. E foi muito bacana isso. Mas enfim, e a gente colocava policiais que soubessem interagir melhor em espanhol com os torcedores da Argentina num dia lá. Porque o pessoal era meio complicado... vou usar uma palavra assim... meio selvagem. Então o pessoal às vezes exagerava.

Queria subir na fachada do bar. E aí a gente disse “olha...”... teve um dia que terminou a cerveja na Cidade Baixa. Era uma 2hs da manhã e terminou a cerveja. Terminou mesmo em tudo o que é lugar. E aí os donos dos bares pediram... o dono de um bar, que eu não vou me lembrar qual, representando vários, pediu que a gente... se pedia ajudar os caminhões... que eles tinham ligados não sei para quem... para trazer mais cerveja pros caminhões chegarem. Porque como era muita gente ele temia que houvesse saque. Eu disse “não, tranquilo”. Aí a gente teve que escoltar uma carga de cerveja às 3hs da manhã ali pros bares da Cidade Baixa. Mas não teve problema, não teve confronto, não teve garrafada. A gente teve que deter... um ou dois torcedores argentinos mais exaltados ali, porque estavam brigando entre si, não conosco. A gente deteve. A gente faz um boletim de ocorrência. Segura o cara. Acho que um chegou a ser encaminhado pra Polícia Federal, porque ele não tinha entrada no país. E estava... ele estava ruim. Aí ele chegou a ir pra Polícia Federal. Os demais foram liberados.

P - Agora tratando de novo da questão ali das tecnologias. Você consegue identificar qual foi o papel tanto do CICC ali quanto de outras.... tipo Facebook, Whatsapp nesse evento da Copa? Principalmente pra relação com os movimentos sociais?

E - Eu acho que a ferramenta mais importante foi o Facebook, o Twitter e o Whatsapp. Foi onde as pessoas interagiam. Porque as outras interações que eram no Centro de Comando, com câmeras aéreas ou câmeras na rua, é só tu que... tu só assiste, não fala com as pessoas. Então, em termos de mídia social, o que mais ajudou para nós foi o Whatsapp com os movimentos sociais, que o Bortoluzzi tinha contato... com a imprensa...

P - Tinha contato com lideranças dos movimentos sociais?

E- Sim. Porque isso era o Comandante do BOE, que já tinha esse contato prévio. Às vezes não tinha muita resposta. Ele procurava assim olha... ok. “Olha, nós estamos amanhã... sabemos que... nós estaremos presentes novamente, as regras continuam...” Enfim, mas não houve nenhum momento em que, por exemplo, o pessoal tentou se reunir num lugar fora para tentar furar o bloqueio por exemplo. Não aconteceu em nenhum momento. Teve uma vez na frente do Clínicas... Clínicas não.... na frente do Mãe de Deus. Tinha uma reunião... cara, era um movimento social que eu não vou me lembrar defronte ao Mãe de Deus... que eles queriam entrar num negócio lá, participar... que aí o limite era na... bem na esquina, no viaduto ali. Ali tu já tinha que apresentar ingresso e tal. E ali os caras queriam entrar... eu disse... até foi o Bortoluzzi que disse... “daqui para lá é só com ingresso que entra. Não é vocês. Ninguém entra”. Tinha uma linha bem embaixo do viaduto ali. Ali tu apresentava ingresso para poder ter acesso à parte... aquele... digamos... para tu poder entrar dali até a porte do estádio. Tu só ia apresentar no estádio o ingresso mesmo na porta do estádio. E a gente decidiu fazer essa triagem mais longe do estádio para evitar o que aconteceu, por exemplo, no Rio de Janeiro, que a triagem era feita na bilheteria. E aí depois que tu deixa 5 mil pessoas sem ingresso chegar perto da bilheteria tu não segura mais. Então a gente resolveu fazer um pouco antes para evitar tumulto. Aí as pessoas queriam entrar. Eu digo “não, aqui não dá para entrar, porque é triagem de ingresso. Se vocês não têm ingresso, daqui para lá é só para quem tem ingresso. Se quiser continuar se manifestando aqui não tem problema. Agora, daqui para lá não dá”. Aí está ficaram mais um pouco, foram embora. Mas eu diria assim que o Facebook... foi o criado o facebook do BEPE se não me falha a memória, e do batalhão da Copa e o próprio da Brigada... para colocar a público que a gente estava... ia fazer... o que já fez... notas oficiais acerca de ocorridos por exemplo.

Esse exemplo da Praça Argentina a gente... o Fábio... eu lembro que a gente construiu uma nota dizendo “olha, aconteceu isso, isso, isso, tal”. Então a gente sabe que as pessoas tomavam nota da nossa estratégia, além dos contatos pessoais, por esses meios também.

P - E você falou do Twitter também. Qual era a função do Twitter?

E - O Twitter era mais para... que eu me lembro... quem operava o Twitter era um major da Sessão de Operações.... era para informar pras pessoas... a gente usava muito para dizer onde é que... para as pessoas do resto da cidade onde é que tinha movimentos e bloqueios para eles não irem para ali. Para não criar conflito de circulação. Mas todo mundo usava. A imprensa usava muito o Twitter para saber das manifestações, para saber se tinha algum bloqueio, se tinha algum... basicamente.

P - E no Facebook por exemplo vocês tinham essa coisa de manter uma... algo mais preventivo. “Tem tais grupos, vamos monitorar tais grupos, ou pessoas...”

E - Não. A gente nunca... não tinha nenhum monitoramento de pessoas em específico. Até porque não é o caso. A gente sabia por informações dos próprios manifestantes que eles tinham interesse... “amanhã...” eu te confesso que eu não me lembro se era... acho que era pelo facebook que o pessoal dizia “amanhã vamos nos reunir defronte à prefeitura”.

P - Tem o evento que tu pode criar no facebook.

E - Sim. Aí tu fica sabendo que bom... é público. Aí nós estávamos lá para... “estamos aqui e tal”. Basicamente... mas o nosso especificamente era usado... especificamente o facebook era mais para o depois, para dizer o que aconteceu, o que já tinha acontecido. “Olha, hoje aconteceu isso, aconteceu aquilo, nós fizemos isso e aquilo”. Mais um relatório, vamos dizer assim.

P - E aquele helicóptero que tinha a câmera, o imageamento aéreo... ele foi utilizado em todos os eventos? E eu lembro que um dia em que ele foi utilizado para... foi no primeiro dia acho que teve manifestações... foi utilizado para detenção, identificação de alguns manifestantes. Você lembra disso, dessa situação?

E - ele tinha capacidade de fazer isso. Mas assim... qualquer câmera tu... porque se tu filmar... a aeronave ficava muito longe. Ela ficava muito longe. O nosso monitoramento mais específico... se tem um grupo que todos estão caminhando numa boa e um sujeito de repente resolve jogar um molotov numa parede, tu está vendo. Então o monitoramento para isso é feito muito mais com as câmeras fixas se por acaso tiver uma... e nós tínhamos uma câmeras móvel. Era uma câmera móvel, que nem de TV, que transmitia imagens ao vivo para o Centro de Operações. Era uma mochila. Era uma mochila assim, o cara carregava uma câmera... tipo uma GoPro... e ele acompanhava as manifestações e tal... e aí tu conseguia, quando acontecia um evento... se acontecesse um evento do tipo de predação... identificar exatamente quem foi. Para não dizer “foi o grupo todo”. Porque a nossa intenção sempre foi... é o que a lei diz... não existe... o autor do crime é um só. Não existe dois, três. Pode ter coautoria, mas é um só. Então se tu identificar um só e souber quem é tu sabe exatamente quem tu precisa afastar se for o caso ou eventualmente prender para não precisar, por exemplo, desnecessariamente dispersar todo mundo. Porque isso não... aí tu gera até uma revolta, porque “pera aí, eu não fiz nada e né...” Eu acho que isso foi usado para identificar torcedores da Argentina que tinham assaltado uns caras da Nigéria. Isso aqui naquela Praça Itália ali, aqui do lado do Praia de Belas. Os caras... tinha um grupo de argentinos que estava assaltando os transeuntes e

pegando os ingressos e tal. Aí a gente ficou sabendo... o helicóptero deu uma olhada, mas quem acabou flagrando foi o cara que tinha a câmera móvel. Até foi curioso, porque teve um dos argentinos que assaltou um... nós não tinha... eu não tinha evitado. Estava eu e mais dois oficiais ali na Borges, quase aqui na frente do Praia de Belas. Aí veio pelo rádio... "olha tem uns argentinos"... aí deu a descrição. "Um está com uma bermuda tal, cabelo comprido, tênis, não sei das quantas". Tu imagina que o cara veio correndo? Jamais imagina. Estava correndo talvez de outros policiais. Não sei. Ou das vítimas, sei lá. Ele bateu no cara... ele bateu no peito do oficial que estava do meu lado, porque ele correu olhando para trás. O cara estava falando no rádio, e o cara... aí foi detido. O que eu me lembro foi usado com o intuito de identificar claramente se necessário.

P - Sobre o protocolo de lidar com grandes aglomerações, esse protocolo você falou que foi diferente, porque dada a amplitude do evento tinha todo um outro contexto, mas existia um protocolo anterior. Esse protocolo ele é escrito?

E - Sim, é bem claro. Ele é escrito. Pra gente atuar em manifestações... por exemplo, vamos dar um exemplo... isso que aconteceu aí agora no carnaval na Cidade Baixa. O protocolo é o mesmo. Ele é o mesmo. Ele é escrito há muito tempo. Ele sofreu adaptações em função das tecnologias que foram acrescentadas. Por exemplo, ele prevê algo que faz parte inclusive do... deixa eu me lembrar exatamente... acho que é um termo de conduta, um acordo de conduta assinado pelo Brasil junto às Nações Unidas para uso moderado proporcional e progressivo da força. Então tu não chega numa manifestação por exemplo, por qualquer motivo que for, que tu chega e usa arma de fogo. Tu não faz isso. Claro que tu vai me dizer que tem lugar em que acontece isso. Tem. Mas assim, o protocolo não é esse. E todo mundo sabe qual é o protocolo. O protocolo ele envolve assim... primeiro tem... eu não me lembro de cabeça, mas ele tem assim... resumidamente... a gente chama de "proclamação", ou seja, é uma... tu mostra que tu está ali e diz olha... tu fala com alguém... "olha, é o seguinte... essa manifestação aqui não tem autorização para prosseguir, vocês devem se dispersar e tal e tal". Ok, se funcionar beleza. Se não funcionar, a gente procura, se for o caso, usar "formações" que a gente chama, ou seja, empurrar as pessoas e dispersar. Olha, se eu estou aqui e as pessoas estão aqui e o lugar que eu quero ir é pra limpar isso aqui... é tirar as pessoas daqui e botar para cá, tu faz uma formação e empurra. Tira daqui. Tira, vai tirando, entendeu? Agora, se tu te aproximar, as pessoas não saírem e houver confronto, aí o próximo passo se usa os agentes químicos de dispersão, que são... hoje não se usa mais o chamado gás lacrimogêneo. As pessoas chamam de gás lacrimogêneo de fato, só que o gás lacrimogêneo original são dois compostos: CS e CN. São dois compostos químicos. Nós não usamos mais, porque eles têm um problema de... eles são mais fortes do que o necessário, tem gente que tem sensibilidade excessiva a esse negócio, pode dar problema, e ele é difícil de... a reação natural das pessoas quando tem irritação nos olhos e tal é jogar água. Esses produtos, se tu jogar água, ele fica ácido. Ele adquire uma propriedade... ele deixa... ele é neutro. Se tu jogar água ele vira um ácido. Leve. Não vai corroer a tua cara. Mas ele irrita mais ainda. Então a gente deixou de usar isso. A gente usa um composto químico natural, que é derivado da pimenta. É pimenta. Acho que é capsaicina o nome. A gente procura usar isso, que é um... tem vários tipos. Tem granada disso, tem grana que tu joga ela só faz barulho, daí a pessoa dispersa. Tem granada que ela explode e solta uma nuvem desse... pimenta, tem uma que tu solta, ela queima e solta esse gás. Ela fica mais tempo, ela cria uma cortina, ela dura mais tempo. Só que a gente... por exemplo, no dia do jogo da Argentina, a gente não pode usar esses agentes químicos. O pessoal ali da Argentina... eles estavam fora de controle. Era um grupo assim com uns 300

argentinos fora de controle. Queriam entrar de qualquer jeito e tal e a gente não pode usar isso, porque eles estavam do lado do Mãe de Deus. Aí tu usa um negócio desse do lado do hospital, deu. Então a gente optou... eu chamei os cavalos, coloquei os cavalos, e a gente empurrou com os cavalos. Resolvida a situação. Então essa escalada ela obedece... aí tem agentes químicos. Depois tem o... a gente comprou pra Copa agora esse negócio de água, canhão de água. Nunca chegamos a usar. E o canhão de jato d'água. E olha... os último dos últimos, que a Brigada até hoje nunca usou... a última vez que nós usamos acho que foi em 1900 e... foi uma briga... foi numa manifestação... não foi uma manifestação. Foi uma greve eu acho que dos motoristas de bonde. Eu sei disso porque eu vi... foi assim, foi meio sem controle o negócio. A última escalada desse negócio é o uso de arma de fogo. Só que nós nunca... nós nunca usamos isso. A última vez acho que foi na década de 40, que nem tinha protocolo. Vamos combinar. Depois disso, nem evento com... nem com colono sem terra, que é um negócio que até arma de fogo tem, que a gente sabe, a gente nunca atirou, nunca usou arma de fogo. Claro que aconteceu agora... faz uns 4, 5 anos... teve um policial que errou a munição de uma arma e ao invés de usar o projétil de borracha ele colocou a munição de verdade e acabou... mas assim, ele não atirou sabendo que era munição de verdade. Tanto que foi só ele. Se fosse mais, seria todo mundo. Então a última... só que esse evento assim... o uso da arma de fogo é o extremo do extremo que olha... eu não me lembro aonde que eu vi isso acontecer. Teve um episódio aqui no Brasil muito falado, o tal de Eldorado dos Carajás, mas assim... ali foi o seguinte... os caras pegaram... não era um efetivo... uma tropa não treinada nesse protocolo. Se tu pega rum sujeito que não conhece... que nunca lidou com uma manifestação pública, não tem escudo, não tem granada, não tem nada, em menor número... sei lá... eu, tu e mais um... chegamos lá... tem um grupo de 50 caras que vêm para cima de ti. Cara, ninguém vai deixar de atirar. Porque o cara não quer morrer. Então o erro lá... esse caso foi muito estudado. O erro lá foi colocar aquelas pessoas naquele lugar. Porque elas não deviam estar ali. Primeiro elas não deviam estar ali naquele número menor que os manifestantes. E segundo porque eram pessoas não treinadas naquilo. Até a Polícia Rodoviária Federal, quando criou grupos para desobstruir rodovia, ver treinamento conosco para que não acontecesse isso. Porque a resposta natural do policial normal, se tu estiver ameaçado... se tu estiver na rua, de policiamento, e quando vê vêm 5 caras para cima de ti, se tu está com arma de fogo, bom, tu não vai morrer, né? A própria lei garante que tu te defenda. Então o último nível. Agora, sinceramente, nós nunca chegamos nesse ponto, nunca.

P - Uma coisa que eu tenho dúvida: você falou que os policiais ainda chamam a bomba de gás lacrimogêneo. Qual seria o nome técnico correto para se usar agora que se tem essa granada de pimenta?

E - O nome certo é agente irritante. Mas em geral o pessoal usa gás pimenta ou agente pimenta.

P - E esse tipo de agente foi usado em 2013 também ou não?

E - Também.

P - Já não era mais gás lacrimogêneo?

E - Tinha algumas ainda de CS velhas, antigas, que foram usadas. Só que assim: aquilo foi pior. Um detalhe: toda vez que tu usar isso, esse CS, CN, o teu pessoal tem que ter máscara. Que se houver tumulto e daí vier para cima de ti, deu para ti. Ninguém é à prova desse negócio, ninguém. Não tem essa assim: "o cara está acostumado". Não, não. Isso é que nem anestesia. Ninguém é imune a

anestesia. Se tu anestesiar, todo mundo desmaia. O CS, CN ninguém é à prova. Se tu respirar, o efeito é o mesmo tanto no manifestante quanto no policial. E se aquilo atingir o teu pessoal, bom, aí tu perdeu. Enfim, aí tu tem que usar máscara. O a gente pimenta tem essa vantagem. O efeito dele é local. Se eu pegar um tubinho de agente pimenta e jogar aqui na mesa agora aqui, ele vai ficar aqui nesse lugar, entendeu? Ele vai ficar aqui. Se ele foi líquido ele vai ficar aqui. Aos poucos. A dispersão dele é lenta. Porque ele é feito para tu jogar diretamente na pessoa. Ele é feito para tu jogar... existem alguns que são grandes que é para dispersar no ar. A gente evita de usar esses, porque eles também estão sujeitos à ação do vento. O gás pimenta normal, que inclusive é venda liberada... tem para vender inclusive se tu quiser comprar para te defender, em geral tu joga nas pessoas... a instrução é para tu jogar aqui, nessa altura. Porque se tu joga no rosto, é cruel. No rosto a pessoa... para uma pessoa treinada a gente treina caso atinja o rosto. Uma pessoa treinada o cara sabe que tem ficar quieto. Ele não vai sair... porque o cara perde a visão por uns 15 minutos. A pessoa normal o cara fica apavorado, ele sai correndo, pode ser atropelado, pode cair num buraco, pode bater num poste. Então a gente evita de jogar diretamente no rosto. A gente joga... a instrução é para que jogue na altura do peito, para que ao atingir a pessoa respire um pouco e... enfim. Ele só incomoda, embora incomode bastante. E esse basta tu lavar. Se tu usa água, bastante água, ele vai tirando, ele vai saindo, e o outro não. O outro é ruim, o outro é complicado.

P - Esse protocolo... eu posso ter acesso a ele?

E - Sim, acho que sim. Porque ele é público. Ele tem na forma de Nota de Instrução que a gente chama. Tu consegue isso no... faz um pedido formal, tranquilo para o comando da Brigada Militar. Porque ele não está acesso... ele não tem acesso público no site da corporação. Eu acho que fica na nossa intranet. Mas ele é público assim... ele é publicado no boletim.

P - Qual seria o nome... você se lembra o nome mais técnico dele...

E - É nota de instrução. Eu sabia até o número dela. Eu acho que é NI 08, mas eu não tenho certeza. Na verdade tem mais de uma. Tem uma sobre os agentes, tem outras sobre escalada regular. Ela é muito antiga, ela não é de hoje. E volta e meia a gente reedita ela para atualizar algumas coisas e tal. Mas ela é pública, não tem problema. Tu deve fazer um pedido... já aproveitando a pesquisa, faz um pedido formal pro Chefe do Estado Maior da Brigada. Pode ser por e-mail e tal. Ele vai te mandar. É tranquilo. Pessoal da imprensa pede.

P - Eu peço a Nota de Instrução sobre o protocolo de uso progressivo da força?

E - Pode ser. Explica que é para a tua pesquisa e tal. É tranquilo. Referencia a pesquisa. De repente se tu tiver uma cópia do projeto talvez os caras queiram saber para que que é. Mas é bem tranquilo.

P - Contatos...

E - Tu tem um problema já?

P - O problema seria entender se a incorporação progressiva de tecnologias... em que medida ela transforma ou não a atuação em grandes eventos, aglomerações, movimentos sociais...

E - O que eu posso te dizer assim... bem com base no que eu já te falei de como era há muito tempo atrás e como é hoje... o nosso nível de preparo hoje para lidar com esse tipo de coisa é muito maior do que há 20 anos atrás. Muito maior. Por exemplo, o pessoal não tinha nem equipamento de

proteção. Quando tu vai lidar com uma manifestação potencialmente violenta, se tu está protegido, além de tu não te ferir, tu está menos propenso e revidar violentamente. Porque ninguém... vamos combinar que ninguém gosta de levar uma pedrada. Se tu levar uma pedrada, qualquer coisa que acontecer contigo pessoalmente, o sujeito tem que ser muito controlado para não perder o controle. Olha, tem que ser um monge budista para não perder o controle. Pior, se tu não perder, alguém que está contigo perder ao te ver ferido, caído, atingido, aí é cruel. Porque aí tu perde o controle. Então, se o pessoal está protegido... vou te dar um exemplo: uma vez eu trabalhava no BOE, e a gente tinha que entrar num presídio. E eu me lembro, antes disso, que eu cansei de ver o pessoal entrar sem proteção nenhuma. Que que é sem proteção nenhuma? No máximo um escudo muito frágil. Era um escudo de policarbonato transparente, que tu pegava essa cadeira de plástico, dava no escudo, partia em 5 pedaços. E um capacete de fibra, de carbono. Um capacete de fibra, de vidro com uma viseira fraquíssima. Preso é preso. Preso joga em ti o que tiver. Barra de ferro, pedra, tijolo. No mínimo é tijolo. Teve um oficial, Gomes o nome dele, ele chegou numa manifestação um dia... eu vi... quando ele desceu ele foi atingido por uma pedrada na cabeça. Lá no centro. Ele estaca com a viseira levantada. Pegou direto no rosto dele. Terminou o cara. E terminou os caras que estavam com ele, porque ele era o comandante. E aí tu perde o controle, porque os caras querem revistar desproporcionalmente daí. Uma vez a gente foi entrar num presídio lá e só tinha esse tipo de equipamento. Na primeira saraivada de pedra que os presos deram os escudos quebraram todos. E aí tu fica inseguro, porque tu... hoje em dia, já em 2013 já tinha, mas na Copa de 2014 nós compramos o equipamento para todo mundo. Então assim, o cara não se fere, porque ele está protegido desde o pé até a cabeça. O escudo ele não é à prova de bala. Mas é um escudo que tu pode dar nele com o que tu quiser, e ele não vai quebrar. Então isso de certa forma permite que tu até fique mais tranquilo. Tu sabe que tu não vai te ferir. E aí tu fica mais tranquilo para fazer o que tem que fazer. Porque se tu te fere, gravemente ou não, a pessoa altera o seu estado de... tu já não pensa direito. O cara já quer se vingar, já quer não sei... e aí tu perdeu tudo. Então o pessoal... a tecnologia que eu vejo que mais avançou até nem é tanto... claro que trocar o CS e o CN pelo pimenta foi uma boa ideia, mas a que mais avançou para nós foi a proteção individual, para evitar que o sujeito se fira. Primeiro que não é bom. Segundo que ao se ferir, ele interfira no seu comportamento ou no dos outros. Porque isso aí é natural. O pessoa não gostava de usar colete balístico, por exemplo. Por incrível que pareça. Não gostava de usar colete. Porque achava que era incômodo, não sei o que, não sei o que. Porque assim, cara: tu sem colete, se tu tiver na rua, tiver que atender uma ocorrência e tal, assim... nós temos... é que não é público isso. Nós temos assim... eu vou chutar... para não errar... um policial por mês nosso leva tiro no colete. Se ele não estivesse de colete ele morria. Então isso até, para o cara que está trabalhando, é uma garantia de que tu primeiro não vai ser... porque se tu tem medo de ser ferido tu já nem vai. Então a minha maior... o que eu acho que a gente avançou mais é no EPI que a gente chama. Equipamento de proteção individual.

P - E li algo sobre isso da Guarda Municipal em 2013...

E - Agora eu vou te dar a minha opinião: a Guarda Municipal não é polícia. Eles não têm preparo físico, psicológico, não têm formação, não tem cadeira de direitos humanos. Eles não... e pior: não têm poder de polícia. Não têm treinamento para isso. Se eu chegar agora para ti e te der o EPI completo de um cara de controle de tumulto está bom. Só não vai se ferir se levar uma pedrada. Tu não sabe nem o que tu vai fazer. Então não é só o fardamento, entendeu? Tem todo um conjunto

de treinamento. O cara que vai lidar com a possibilidade de tirar a liberdade dos outros não pode ser qualquer um. Então quando eu vejo até policiais dizerem que a Guarda Municipal pode ajudar no policiamento, me desculpe, não. Guarda Municipal é uma guarda de patrimônio. É alguém que a prefeitura contratou para cuidar de um prédio. Ponto. É isso. Ele não tem preparo... não tem preparo na formação dele, eu sei disso... para lidar com o... para separar uma briga.

P - É, que ali em 2013 tem uma certa confusão, porque eles também têm uma atuação mais...

E - É que eles ficaram protegendo o prédio da prefeitura.

P - Isso, é. Daí tinha manifestação ali na frente e tinha sempre conflito.

E - Sim. E aí tu pega alguém que não está treinado e ainda bota sem equipamento, tem tudo para dar errado. Tem tudo para acontecer o que aconteceu: o cara puxa uma arma e dá um tiro. A gente tem... a gente usa como meio de instrução toda hora imagens de guardas municipais pelo Brasil aí, que o sujeito saca uma arma... tu nunca vai ver, tu não vai ver um cara da Brigada puxar uma arma numa manifestação. Tu não vai ver. Esses caras a primeira coisa que eles fazem é puxar uma arma. Porque uma arma... se ele puxou... qual o recado que tu dá quando tu saca uma arma? Que tu vai usar. Tu está sujeito a o cara te tomar tua arma. E se ele te tomar ele vai te matar com a tua arma. E tu está dizendo... quando tu saca uma arma tu está dizendo para alguém que tu está com intenção de atirar nele. Aí tu está dando... eu não digo que justifica, mas o cara que puxa uma arma para mim... no mínimo eu vou tirar a arma dele. Eu vou tentar tirar a arma dele. E aí pode dar problema. Então está cheio de imagens... nesse treinamento que a gente faz com esse pessoal, o Bortoluzzi é especialista, deu curso até fora do Brasil sobre isso.. volta e meia tu pega a imagem de um cara... puxa uma arma. Se tu pegar um policial normal que não tem esse treinamento e colocar ele nessa situação, ele vai baixar a arma também. Então por isso que quem lida com isso tem que passar por esses protocolos para não acontecer isso. Porque senão o cara vai se defender do jeito que ele puder. E nem sempre o jeito que ele puder vai ser o jeito que é o mais recomendado. Eu acho que foi São Paulo... não, foi no Rio de Janeiro. E não faz muito tempo. Um cara puxou uma arma e atirou em um manifestante. Não acertou, enfim. Deu o tiro para cima ou deu o tiro para o lado... sei lá. Isso aí tu não vai ver aqui. tu não vai ver porque não vai ver. Até teve um conjunto de promotores públicos que me mandaram um documento perguntando se os nossos policiais que iam trabalhar nesse evento... se eles iam estar armados. Eu ia responder por escrito, e eu disse “não”. Marquei uma hora e fui ali com o cara e tudo bem. Eu falei “não entendi a pergunta. Cara, nós somos polícia. Como é que eu vou pra rua... se o senhor está me perguntando se eu vou trabalhar armado, o senhor acha que eu não deveria trabalhar armado. É isso? Está bom. Se der uma ocorrência, ser um assalto, se eu tiver que sair dali, largar o escudo, tirar aquele negócio e ir atender uma ocorrência como é que eu faço? Vou buscar a arma no quartel? Não. Não se preocupe. Esse policial está treinado para não usar a arma de fogo. O senhor não está lidando com um bando de jagunço. Sabe?” É que as pessoas... me se tu botar um cara mal treinado o cara pode fazer bobagem.

P - Nesses eventos tem também outras instituições, tipo a promotoria, que tentam fazer um controle?

E - Nossa! Se eu te mostrar um ofício que eu recebi da Promotoria de Defesa da Cidadania e Direitos Humanos... um negócio assim... olha, a gente aceita tudo, mas os caras passaram do limite. Muito. Mas passaram muito do limite. Eu me dei ao trabalho de sentar e fazer uma resposta. Eu até mostrei

pro Fábio a resposta. Porque o ofício foi interessado a mim. Eu disse “Fábio, isso aqui ele está perguntando para mim, mas eu acho que ele devia ter perguntado para ti, que é o comandante-geral da Brigada. Mas como veio para mim, eu vou responder... aliás, já fiz a resposta, está aqui a resposta”. Eu fiz uma resposta bem desaforada.

P - Mas que que perguntava?

E - Isso. Assim, como é que eu vou te dizer? É mais ou menos... eu vou tentar transformar para uma maneira... é que nem o diretor do teu colégio entrar na tua sala de aula e dizer como é que... “assim, tu chega... não peraí”. Cada um no seu quadrado. Então o cara primeiro queria que o pessoal não trabalhasse armado. Segundo queria que eu mandasse... assim... controle absoluto... que eu mandasse atas das reuniões que eu fiz dizendo que não era para o pessoal atirar nos manifestantes. Eu disse “vem cá, o senhor acha que nós somos quem? Com que tipo de polícia o senhor está acostumado a lidar? Outra coisa: nós não somos um bando de ignorante, não somos um bando de selvagem armado por aí. Só um pouquinho”. Bah cara, eu nem me lembro, mas foi um negócio fora da casinha. Aí eu fiz uma resposta. O Fábio olhou e disse “eles vão reclamar”. “Deixa que reclamem”. Mandei lá. Eu até sugeri. Disse “olhe, fico muito lisonjeado com a preocupação, mas acho que tu tem que te preocupar com outra coisa bem mais grave que tem por aí. Dentre outras coisas eu poderia perguntar se os senhores promotores têm preparo para usar arma de fogo”. Porque eles não têm curso nenhum. “Tu faz um concurso, vira promotor, tu... como é que eu sei que tu está habilitado a usar uma arma de fogo?” Perguntei para ele, já que ele pode perguntar se eu estou. Não tem um protocolo de treinamento. “Um monte de treinamento, um monte de ata, um monte de registro escolar. Se eu não atingir 80% eu estou reprovado no tiro. E tu?”